

Território em movimento

Ivanio Folmer

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.
ivaniofolmer@yahoo.com.br

Ane Carine Meurer

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.
anemeurer@gmail.com

Percebe-se que a ciência geográfica vem sendo atravessada por diversas pesquisas que apostam na discussão de temas, os quais desafiam e mobilizam a comunidade acadêmica em pleno século XXI. Ao pensar na perspectiva da relação de sujeitos sociais e (com, no, a partir e para o) espaço geográfico, compreendemos a complexidade do assunto. Logo, refletimos sobre “espaços” criados a partir de vivências que esses atores sociais estabelecem.

Para que se pudesse entender a dinâmica do vínculo entre sujeito com o espaço e as relações delineadas a partir das experiências compartilhadas, um novo conceito teve que ser pensado e desenhado, com isso passa a designar-se TERRITÓRIO esses espaços que se construíram a partir da prática social, das relações que esses sujeitos estabeleceram e suas dinâmicas. Todavia, o conceito de Espaço e Território não aparece como sinônimo, conforme Raffestin (1993). Assim, o espaço é a “prisão original”, o território é a prisão que os homens constroem para si. (RAFFESTIN, 1993, p. 143-144).

Contudo, o Espaço não deve ser reconhecido apenas como palco das manifestações, se assim for feito estaremos nós, pesquisadores, desvalorizando um tema/conceito que vai além dessa dimensão. Portanto, essas relações espaço/território são entre muitos outros, objeto de pesquisa nas ciências humanas, assim a Geografia transforma-se em uma ciência que ganha vida quando interpreta essas relações e tenta através dos seus pesquisadores sistematizá-las. São essas pesquisas que lentamente fazem a interlocução com a educação básica e vem transformando o currículo escolar, uma vez que amplia a perspectiva dos educadores de compreender o espaço em que se encontram enquanto profissionais comprometidos com a alfabetização geográfica, promovendo um ensino e aprendizagem em prol de uma formação de sujeitos críticos e conscientes de sua, e das diversas realidades que o cerca.

Desse modo, o Grupo de Pesquisa em Educação e Território- GPET, da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, vem, ao longo dos últimos 20 anos articulado projetos de ensino, pesquisa e extensão que envolve a sociedade e suas relações. Nesse andar/viver foi-se percebendo as dinâmicas, os antagonismos e os projetos de sociedade estabelecidos, refletindo sobre eles, na tentativa de compreender o que querem expressar. Assim, também

se pode perceber no grupo de pesquisa citado, que as relações se estabelecem para além de ensinar, pois se buscam oportunizar espaços de construção de aprendizagens, experiências, trocas e empatia, já que buscamos refletir no transcurso das pesquisas desenvolvidas junto aos Movimentos sociais e de Educação do Campo, que o território movimenta-se dialeticamente por meio do vivido e dos processos de conflitualidade na busca da efetivação dos direitos e da cidadania.

A dinâmica que precede o surgimento do território não se extingue no momento em que o mesmo surge, e isso desafia pesquisadores da geografia (e outras áreas da educação), no sentido em que se torna necessário compreender os desdobramentos que ocorrem no território. A partir de Fernandes (2009), concordamos que existem diversos tipos de territórios que produzem e são produzidos a partir de distintas relações sociais, logo “as múltiplas dimensões do território são produzidas relações sociais, econômicas, políticas, ambientais e culturais. A dimensão une espaço e relação, que são construídos pelas ações e intencionalidades” (FERNANDES, 2009, p.202). Portanto, as relações sociais dos sujeitos se modificam nas várias regiões do país ou até mesmo na própria extensão de um município, considerando que cada grupo possui sua especificidade, sua diversidade étnica, cultural, econômica, ambiental, climática, e cada um possui seu vínculo com a terra (tanto no campo quanto na cidade). Para alguns a terra é visto apenas como instrumento para gerar capital, no entanto para outros a terra é compreendida como local de vida e recriação de relações pessoais.

Pode-se dizer que o campo brasileiro hoje, apresenta dois grandes agentes que disputam o território: O agronegócio que vem acumulando cada vez mais capital e assim, concentrando propriedade e o camponês que, apesar de resistir às fortes investidas do capitalismo, se mostra cada vez mais fragilizado, mas resiste e tem encontrado formas de fazê-lo no decorrer da história brasileira.

Assim, no decorrer da história temos encontrado várias formas de organização, algumas articuladas a partir do diálogo, outras a partir de enfrentamentos mais contundentes. Nesses movimentos os camponeses e o agronegócio promovem ações, políticas, ideologias que afirmam identidades, reconstroem culturas e estabelecem novas relações desses sujeitos consigo mesmos, com os outros, com o mundo, com o território, com o espaço. Redefine-se o espaço agrário, reconfiguram-se os direitos e os deveres, rearticulam-se o currículo escolar, trabalhando para a institucionalização de um determinado território.

O primeiro texto apresenta uma reflexão teórica acerca da importância de se entender o que é o campo para a Educação do Campo, sendo que para isto o debate sobre territórios/territorialidades camponesas é primordial. Na Educação do Campo, a discussão sobre o Campo - disputas/conflitos de territorialidades, modo de vida camponês, identidade territorial camponesa, movimentos socioterritoriais etc. – precedem a discussão pedagógica.

A Educação do Campo nasce da materialidade das relações sociais no campo e, se desenvolve, portanto, simultaneamente, à intensificação das disputas territoriais no campo. É a conquista, a resistência e a recriação dos/nos territórios camponeses que permite a criação e a reprodução da Educação do Campo.

Na mesma perspectiva de discutir o campo e o território, o segundo texto debate a Campanha Gaúcha, domínio histórico das estâncias voltadas à pecuária de corte, a produção de leite esteve presente como coadjuvante. A partir dos anos 1990, com a inserção de assentamentos, a região passou a ter considerável incremento de unidades familiares de produção, que logo foram remetidas à pecuária leiteira, considerando a área dos lotes, a experiência dos produtores e as particularidades da região. Então, o texto apresenta a contextualização de Santana do Livramento, que, é um caso emblemático desse processo, pois concentra, hoje, o maior número de assentamentos do Rio Grande do Sul, que em grande parte têm no leite seu “carro-chefe”.

Pensando em refletir sobre os conflitos da atualidade, o texto três parte considerando que os conflitos estão relacionados ao fato de que determinadas ideologias conservadoras avançam de forma sistemática sobre as políticas educacionais desenvolvidas no Brasil. Consideradas em conjunto, essas ideologias conservadoras se caracterizam por defender uma oposição às mudanças que são resultado tanto do desenvolvimento de teorias e práticas advindas do campo acadêmico quanto das lutas sociais incorporadas à realidade do ensino básico e superior, fazendo da escola e da educação um importante lócus do embate de classes estruturante de nossa sociedade.

Imersos no contexto das conflitualidades e processos de (te)(de)(re)rritorialização, o texto quatro assume uma discussão pertinente no estudo da questão agrária brasileira, ao tratar dos sujeitos como atores fundamentais na construção das identidades e representações do movimento socioterritorial. Nesse sentido, o texto discute a questão do território, identidade e cultura no assentamentos rurais, bem como apresenta o quadro geral da reforma agrária no Brasil nas duas primeiras décadas do século XXI, e por fim faz apontamentos dos trabalhos realizados por geógrafos sobre assentamentos rurais no Rio Grande do Sul entre 2000 – 2015.

Ao pensar nas categorias de análise da geografia, o texto cinco se propõe em indicar possibilidades analíticas na Geografia, considerando relação entre as categorias Território (RAFFESTIN, 1993; HAESBAERT, 2006) e Campo (BOURDIEU, 1993; 2005; 2007), com um intuito provocativo e reflexivo. Ao Entender que poder e política são conteúdos fundantes do Território e do Campo. Assim, toma-se como princípio a necessidade de uma perspectiva relacional sobre poder e política, para estudá-los sob um viés geográfico, pois estão intrinsecamente relacionados, um ao outro, pelo fato de que só o podem ser mutuamente. Por sua vez, uma relação pressupõe uma situação e um sentido, território e campo,

entendendo que os agentes estão situados, que determinadas relações somente são possíveis em determinados contextos, e que por tal característica resguardam particularidades. É a partir das relações de poder (inclusive simbólicas) e política, que se fundamentam as lógicas de um determinado campo em territorialização.

Da Educação do Campo às casas Familiares Rurais e a Pedagogia da Alternância, nessa contextualização que, o texto seis transita com o propósito de apresentar uma análise preliminar acerca do egresso, compreendendo as transformações percebidas na produção da vida dos alternantes da Escola de Ensino Médio Casa Familiar Rural Três Vendas - EEMCFRTV - Catuípe, noroeste do Rio Grande do Sul.

Refletindo sobre o território indígena, o texto sete têm a finalidade de contribuir para o debate acadêmico e civil, sobre a urgência na demarcação novas terras indígenas, esta necessidade, se justifica, pelos inúmeros registros jornalísticos, de mortes e conflitos de indígenas com fazendeiros, mineradores, grileiros, sojistas, entre outros. A partir da verificação das principais fatos histórica e institucional, da ação do Estado sobre a questão indígena, será possível compreender o contexto de luta e resistência destes povos, bem como a pressão genocida devido ao avanço do agronegócio, da mineração e dos grandes empreendimentos (usinas hidrelétricas).

Ao pensar nos pressupostos o texto oito, se dispõe a discutir a categoria geográfica território, na perspectiva de que o mesmo encerra múltiplas acepções, resultantes de processos históricos, urdidas em diversas temporalidades, ressaltando o princípio da apropriação, da dominação, do controle social e sobretudo, do poder em distintas relações e em diversas escalas, suscitando também múltiplas territorialidades, com dimensões próprias, conteúdos específicos que são apropriados, apreendidos e vivenciados de maneira singular pelos atores sociais.

A Geografia, especialmente a geopolítica, ocupa-se de desvelar as máscaras sociais e promover uma análise política da realidade do espaço geográfico. Logo, o texto nove discute, a partir do advento da ideologia neoliberal e a expansão do capital monopolista que concentra e segrega, concebe a educação como despesa, se gerida pelo Estado, e como mercadoria, se ofertada pela iniciativa privada.

Transitando entre as questões de educação do campo e território, o texto dez, busca analisar as contribuições formativas da participação no PIBID Interdisciplinar Educação do Campo para a formação docente dos licenciandos dos cursos de Ciências Sociais, Geografia, História, Letras e Pedagogia - bolsistas do programa entre os anos de 2014 e 2017- no âmbito da Universidade Federal de Uberlândia. Ao final do projeto, constatou-se que o PIBID é um dos programas que mais colaboram com os licenciandos durante seu processo de formação, seja pela necessidade da bolsa ou pelo interesse nas diretrizes do programa. Durante sua execução, forma-se um elo que une horizontalmente o campo de atuação, que é a escola,

com as teorias e discussões oriundas da universidade. A modalidade interdisciplinar Educação do Campo expande ainda mais a formação dos licenciandos, pois oferece a oportunidade das práticas educacionais em um ambiente pouco explorado se comparado ao ensino na cidade. Portanto, a presente análise expôs a importância atribuída ao PIBID Interdisciplinar Educação do Campo enquanto projeto que colaborou no processo formativo dos futuros professores, dando ênfase à realidade encontrada nas escolas do campo, contexto geralmente negligenciado nos cursos de licenciatura.

O número especial da revista Nera é um ótimo instrumento que se apresenta como amostra dos estudos que estão sendo desenvolvidos por pesquisadores brasileiros de geografia sobre Educação do Campo, Movimentos Sociais e Território. O título Território em Movimento foi considerado importante, pois não se pode negar que o território está em dinâmica através de agentes sociais em um Campo, o qual se apresenta envolto às conflitualidades entre o camponês e o agronegócio, em especial.

Esse dossiê é mais que um produto científico, constitui-se como nossas lutas pela democratização da discussão em instituições de ensino, em especial as públicas e gratuitas, as quais representam e problematizam resultados de pesquisas com as comunidades, que se caracterizam como colaboradores de sua importância na análise e coleta de dados de pesquisa. O papel dessa discussão é fomentar o paradigma de resistência, e clarear a visão de mundo, direcionando um olhar crítico ao espaço rural, cujo é negado constantemente à existência dos povos e seus costumes.

A organização deste trabalho permitiu perceber ainda que, apesar de introdutória, há ampla discussão sobre a abordagem de Movimentos Sociais, Educação do Campo e Território.

Por fim, ainda estamos muito distantes do ideal de nossa atuação e discussão sobre o Campo, a Educação e o Território (camponês), entretanto, é nessa fragilidade de passos que conquistamos apoios, aprendemos, ensinamos e trocamos experiências sobre essas temáticas, possibilitando amplo acesso à realidade territorial brasileira.

Referências

FERNANDES, B. M. Sobre a tipologia de territórios. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Orgs.). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão popular, 2009. p. 197-215.

FERNANDES, B. M. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. **Revista NERA**, Presidente Prudente, n. 6, 2005, p. 14-34.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

Ivanio Folmer
Aner Carine Meurer